

JEAN-JACQUES ROUSSEAU: ALGUMAS PERCEPÇÕES EM RELAÇÃO A “EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO”

Gleison Peralta Peres¹

RESUMO: Em Emílio ou da Educação, Rousseau descreve a trajetória educativa de Emílio, buscando apresentar o passo a passo da infância até a vida adulta. Para essa compreensão, temos como objetivo explicar alguns conceitos da própria sociedade e do estado da natureza até o social. Diante deste cenário, realizamos a pesquisa bibliográfica, buscando, através da literatura, exemplificar alguns elementos de compreensão dessas fases do desenvolvimento através da obra Emílio, e de autores como Dalbosco (2005), Silva (2007) e Vasconcelos (1998). Buscamos apresentar como resultados algumas ideias gerais de Rousseau e a relação do homem e a sociedade e os impactos proporcionados ao longo de sua trajetória intelectual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Modernidade. Rousseau.

JEAN-JACQUES ROUSSEAU: SOME PERCEPTIONS REGARDING “EMÍLIO OR EDUCATION”

ABSTRACT: In Emílio ou da Educação, Rousseau describes the educational trajectory of Emílio, seeking to present the step by step from childhood to adulthood. For this understanding we aim to explain some concepts of society itself and the state of nature to the social. In view of this scenario, we carried out a bibliographic research, seeking through the literature, to exemplify some elements of understanding of these phases of development through the work Emílio, and authors such as Dalbosco (2005), Silva (2007) and Vasconcelos (1998). We seek to present as results some general ideas of Rousseau and the relationship between man and society and the impacts provided throughout his intellectual trajectory.

KEYWORDS: Education. Modernity. Rousseau.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto das discussões e debates realizados na aula da disciplina de “Teorias e Práticas em Pesquisa na Educação I”, ministrada pela profa. Dra. Filomena Arruda Monteiro, durante o primeiro semestre de 2021 no curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT).

Diante das apresentações e discussões dos vários textos relacionados à concepção de teóricos da educação, escolhemos para análise o autor Jean-Jacques Rousseau, por apresentar,

¹Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE). Professor da Educação Básica do Estado de Mato Grosso na disciplina de História. E-mail: gleisonpp@hotmail.com.

em seu período de vivência, questões pertinentes à educação, quando se abordou as questões relacionadas à obra “Emílio ou Educação”, publicada em 1762, que ainda é debatida nos cursos superiores, principalmente na Pedagogia, por apresentar questões pertinentes às fases do desenvolvimento das crianças até a vida adulta.

Em virtude da motivação, apresento este texto, com algumas questões pertinentes relacionadas ao pensar a natureza como princípio educativo, e das questões relacionadas à educação de Emílio², buscando descrever algumas fases de sua infância até a vida adulta.

Buscamos compreender, através da pesquisa bibliográfica, a grandiosidade da obra e seus impactos no momento em que foi lançada (1762), se utilizando de autores que buscam apresentar a obra em seu aspecto explicativo.

Por fim, acreditamos que este texto pode contribuir com a pesquisa em educação, pois a temática, apesar de as discussões serem iniciadas ainda no século XVIII, é bem atual, já que é referência na área.

2. ESTADO DA NATUREZA: COMO PENSAR O HOMEM ATRAVÉS DE ROUSSEAU

Abordar essa temática não é tão simples, pois no contexto de Rousseau (1995), o homem natural (ou homem da natureza) seria livre, sem imposição de outros sujeitos, e não necessitaria de outros homens, por viver para si. Neste sentido, quando nascemos, somos sujeitos indefesos e não compreendemos nossa própria existência, mas neste caso dependemos de outras pessoas, em sua maioria nossos familiares.

Nesta perspectiva, Rousseau (1995, p. 10) nos aponta que “Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação”, já que somos eternos aprendentes, pois é através da educação que neste sentido seria para o autor, a educação que viria da natureza, pois seria o sentido da própria experiência entre o homem e as coisas, proporcionando assim a possibilidade do homem social capaz de compreender suas ações que adquiriu ao longo de sua trajetória. Sendo assim, Rousseau (1995) define que

Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a

²Personagem criado pelo autor em sua obra para demonstrar uma criança que se desenvolve no estado da natureza (Nota do autor, 2022).

educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. (ROUSSEAU, 1995, p. 11).

Para o autor, esse desenvolvimento através da experiência é fundamental, já que aprendemos nesta relação no estado natural que podemos ser felizes, ensinados para o bem comum e sadios, já que nada nos faria modificar essa naturalidade que, segundo Nogaro e Pokojeski (2004),

[...] chegaria uma determinada época em que alguns haviam passado a trabalhar para os outros, criando-se, assim, as desigualdades entre os homens, uma vez que se geraram as diferenças sociais. Rousseau vê a sociedade como uma prisão, pois, antes mesmo de existir o estado civil, havia o estado de natureza, onde todos eram iguais. Rousseau recusa essas duas concepções do estado de natureza. Para ele, o homem natural não é nem sociável e dotado de razão, nem impelido por um egoísmo ativo. (NOGARO; POKOJESKI, 2004, p. 94).

Podemos perceber que, nessa perspectiva, o homem natural não tem nenhuma característica de homem social para alcançar a felicidade e o próprio equilíbrio, sendo quase o que chama Rousseau como “perfeição”, sendo o estado natural do sujeito.

Em relação ao homem que seria perfeito, Rousseau (1989) aponta uma definição como:

O homem é perfectível, mas não se transformaria se as “circunstâncias” não mudassem. Ele não tem em si um princípio interno de transformação. As grandes etapas da evolução do homem, que o fazem sair do estado de natureza e passar ao estado social, no início da segunda parte do “Discurso”, ocorreram graças às circunstâncias externas. (ROUSSEAU, 1989, p. 11).

Neste sentido, ao aprender coisas novas, o sujeito passa a aprender e aperfeiçoar suas ações, que pode ser desde o controle e domesticação de animais, e assim vai modificando seu estado de natureza plena, que até então era perfeito. Sendo assim, haveria a modificação do estado da natureza para o estado social, passando agora para outro estágio do sujeito, que Rousseau vai nomear como convívio social, passando assim para aglomerações que posteriormente podemos chamar de sociedade.

Nesta fase posterior, podemos considerar que a educação passa a ser um elemento importante, pois ao estarmos em um espaço onde dividimos com outros sujeitos, passamos a modificar nossas ações como aponta Rousseau (1995, p. 12), “quando, ao invés de educar um

homem, se quer educá-lo para os outros? [...] cumpre optar entre fazer um homem ou um cidadão, porquanto não se pode fazer um e outro ao mesmo tempo”.

Partindo desse pressuposto, a racionalidade passa a fazer parte deste cenário, já que o homem sai do seu estado natural e passa ao social, ele precisa se compreender como sujeito de transformação, porém, deve manter o controle individual, pois agora tem que respeitar o coletivo.

Em relação a essa concepção, Nogaro e Pokojeski (2004) afirmam que

[...] o homem não substitui as suas qualidades ao lado do crescimento de seus filhos, onde o pilar da educação se inicia em seus vínculos e suas relações. Acredita-se que uma criança não será bem educada por falta de estímulos, até porque, para fazer um homem, é preciso ser mais do que um homem, ou seja, é necessário ter clareza, discernimento e sabedoria para conduzir uma posição social proposta para educar-se um filho, para se fazer dele o melhor dentro de um contexto societário. (NOGARO; POKOJESKI, 2004, p. 96).

É neste sentido que Rousseau insere em seus estudos a possibilidade de um sujeito (neste caso o aluno) que vai aprender tanto na convivência natural quanto social, já que vai precisar, além dos seus familiares, de outros sujeitos (professores) no seu processo formativo.

Diante dessa condição do sujeito (aluno), Rousseau nos dá indícios que nesta sociedade há uma diferenciação que vai contribuir para o sucesso ou insucesso do sujeito, que ele afirma ser as condições financeiras, já que tanto pobres quanto ricos apresentam diferenças no modo de educar, estabelecendo uma forma de diferenciação de classes sociais.

Um fato que chama atenção nos estudos de Rousseau, e que Nogaro e Pokojeski (2004) apontam, é onde

Rousseau situa a desigualdade social entre os homens no fato de os seres humanos nascerem bons e a sociedade os corromper; a sociedade e seus valores culturais “criaram” uma propriedade privada, resultando, assim, na divisão do trabalho e numa possível desigualdade de origem social; logo, a sociedade é que corrompe o ser humano enquanto tal. (NOGARO; POKOJESKI, 2004, p. 97).

Nos chama atenção o fato do autor afirmar que a questão de corromper o sujeito através das suas condições sociais, já que, sejam ricos ou pobres, cada um terá sua educação, seja boa ou ruim, mas sim a possível. Para essa compreensão, Rousseau aponta, na obra “Contrato Social”, que não é nosso objetivo descrever tais concepções.

Diante dessas compreensões em relação à sociedade, Dalbosco (2005, p. 80) nos chama atenção para as questões relacionadas à moral, pois indica que “o homem só pode tornar-

se um ser moral quando ingressa na sociedade, porém, ao ingressar nela, corre o risco constante de se ‘extraviar’. Neste caso, a questão moral do sujeito está ligada ao processo de sociabilidade, já que para o projeto de educação, os chamam de processo natural.

3. INFÂNCIA E PEDAGOGIA: UMA INVENÇÃO MODERNA PENSADA EM EMÍLIO

A invenção moderna dos conceitos de infância e pedagogia, segundo Wendt e Dalbosco (2012), apresentam as duas principais mudanças nos processos pedagógicos da obra *Emilio ou Educação*:

a primeira é exatamente sobre a ideia de educação, contrariando toda a tradição escolástica. A segunda é a reinvenção do conceito de infância. Destas surgem inúmeros desdobramentos que, no seu conjunto, demonstram porque obra e autor são o divisor de águas do pensamento pedagógico moderno. (WENDT; DALBOSCO, 2012, p. 237).

Neste caso, a teoria de Rousseau busca romper com o modelo tradicional de educação, que naquele momento não valorizava o sujeito como parte do processo pedagógico, inclusive apontando para “mini adultos”, já que o processo de tomada de consciência ainda viria a se concretizar nas fases posteriores à infância.

Portanto, diante dessa concepção, Wendt e Dalbosco (2012) apontam que um caminho de educação a ser seguido seria aquele que valorizasse o papel do meio e do professor, sendo o meio responsável a ofertar ao seu aluno(a) a experiência e o contato e o professor como mediador daquilo que a criança vai descobrindo dentro do processo de educação, sendo assim,

[...] podemos dizer que, ao justificar o princípio básico da educação natural de respeito ao mundo da criança, isto é, de respeito a sua condição biológica, cognitiva e intelectual, nas quais a criança se encontra, Rousseau antecipa, ao seu próprio modo e estilo, um pilar da pedagogia contemporânea, qual seja, o de tomar as potencialidades da criança, considerando suas capacidades e o seu modo de ação, como ponto de partida do processo pedagógico. (WENDT; DALBOSCO, 2012, p. 238).

Diante dessas afirmações, os autores apontam que a criança em seu processo de desenvolvimento deve interagir com o meio e ir moldando seu comportamento, neste caso, o processo deveria ser natural, proporcionando justificar o próprio texto do qual se iniciaram através da obra de Rousseau “*Emilio ou Educação*”.

4. EDUCAÇÃO EM EMÍLIO: PERSPECTIVAS E CONSIDERAÇÕES

Escrever sobre educação e não pensar nas obras de Rousseau seria impossível, já que este autor é referência nos estudos, pois através de uma de suas obras, “Emílio ou da Educação”, publicada, segundo Vasconcelos (1998, p. 12), em 1762, onde aponta algumas evidências que o ser humano vai passando ao longo da sua trajetória, principalmente quando afirma que “o homem é bom por natureza e a sociedade o corrompe”.

É neste sentido que buscamos compreender a educação através da ótica de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), como um dos fundadores da modernidade para alguns e pós-modernidade para outros³, mas sim um autor que proporcionou à comunidade científica um novo olhar para o desenvolvimento humano através da própria literatura, que aponta Emílio um personagem da obra que faz essa reflexão.

Segundo Vasconcelos (1998), a obra Emílio, de Rousseau, é um romance pedagógico que conta a educação de uma criança que percorre os primeiros anos da infância até se tornar adulto e se casar, proporcionando ao leitor as várias fases de desenvolvimento.

Diante dessa dinâmica, Silva (2007) descreve que Rousseau se coloca na posição de tutor de Emilio, filho de pais ricos que moravam em Paris, deste modo, ele insere Emilio no campo buscando distanciar da vida urbana, já que no campo os hábitos e costumes seriam mais simples, proporcionando uma melhor formação do jovem, distante dos vícios e dos preconceitos que estavam na zona urbana de Paris.

É nesta perspectiva que Rousseau (1995) defendia a ideia de que a educação fosse realizada através do exemplo de vida, que neste sentido seria a práxis⁴, possibilitando assim o próprio exemplo de vida. Neste sentido, o autor afirma que a educação do campo seria superior, pois lá estão em convívio com a natureza e perceber o seu próprio sentido como ser humano, sentimentos dos quais remete em sua obra:

Essa é uma das razões por que quero educar Emilio no campo, longe da canalha dos criados, os últimos dos homens depois de seus patrões; longe dos negros costumes da cidade, que o verniz de que se cobrem torna sedutores e contagiosos para as crianças [...]. Na aldeia, um preceptor será muito mais senhor dos objetos que quiser apresentar à criança. Sua reputação, seus

³Não é nossa intenção descrever a definição de outros autores em relação à modernidade ou pós-modernidade, mas sim apontar que a obra de Rousseau trouxe mudanças significativas em relação à compreensão da aprendizagem das crianças (Nota do autor, 2022).

⁴Utilizamos a práxis no sentido de utilização de uma teoria ou conhecimento de maneira prática (Nota do autor, 2022).

discursos, seu exemplo terão uma autoridade que não poderiam ter na cidade. (ROUSSEAU, 1995, p. 94).

Sendo assim, Rousseau (1995) afirmava que:

A obra prima de uma boa educação é formar um homem razoável, e pretendesse educar uma criança pela razão! Isso é começar pelo fim, é da obra querer fazer o instrumento. Se as crianças ouvissem a razão, não precisariam ser educadas. (ROUSSEAU, 1995, p. 84).

Neste sentido, Rousseau (1995) aponta que seria preciso partir destes instintos naturais, já que afirma que o campo seria um local em que as crianças poderiam se desenvolver. Para compreender essa dinâmica, o autor aponta duas vertentes educacionais: a educação negativa, onde o professor seria o preceptor, que deveria ser substituída pela educação positiva, das quais seriam divididas em quatro períodos distintos.

Uma abordagem interessante de Rousseau (1995, p. 74) “é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança”, onde o respeito a cada fase seria fundamental neste processo educativo.

Segundo Cabral (2021), seria a primeira de 0 a 5 anos, que seria a vida física, onde a criança estaria se preparando para fortificar o corpo sem forçá-lo. A segunda vai dos 5 a 12 anos, onde a criança desenvolve seu corpo com o contato de realidades naturais sem intervenção de um preceptor. A terceira seria já com um preceptor, pois a idade varia de 12 a 15 anos, se baseando através da experiência física ou geográfica, pois é neste momento que o jovem aprende uma profissão ou ofício. A quarta fase seria dos 15 aos 20 anos, onde o desenvolvimento não necessita de um preceptor e geralmente não desejam influências sobre a conduta.

Para que esse processo aconteça de forma mais natural, cabe às pessoas que estão próximas do sujeito, neste caso os adultos, auxiliarem nessa condução através da educação natural, a ser um sujeito autônomo, capaz de refletir por conta própria, neste caso, ter consciência, percepção e capacidade de pensar por conta própria sua liberdade. Neste caso, o projeto de educação natural pensado por Rousseau à criança de zero até doze anos de idade deve respeitar a criança naquilo que ela é tanto do ponto de vista biológico como do afetivo e cognitivo, primando mais pelo amadurecimento de suas forças físicas e sensíveis, expondo-a ao convívio direto e permanente com a natureza.

Diante desse modelo de fases/ciclos de idade, seria uma forma de contrapor ao estilo tradicional de educação na época, provocando uma certa desconfiança nos pensadores do

período, pois vivenciar cada momento das crianças seria único, porém, o autor não desmerece o papel do professor, mas acredita que seja uma forma de compreender que as crianças têm fases e que devem ser respeitadas.

Porém no sentido que se apresenta, podemos afirmar que o ensino nestas fases seria ações práticas ao raciocínio e espírito inventivo e científico, promovendo a capacidade de pensamento e da própria ação seja ela individual ou coletiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso texto apresentou alguns elementos que nos fizeram refletir sobre as questões da natureza do homem através de Rousseau, com foco nas circunstâncias que poderiam se viver no estado da natureza, que consideramos estado inicial das fases de desenvolvimento, sem interferências.

Diante da realização da leitura deste texto, os elementos que são apresentados nos fazem compreender um pouco sobre a educação do século XVIII, no intuito de perceber que apesar da diversidade de opiniões de outros autores, o que utilizamos é fundamental para compreender esse período, na perspectiva do racionalismo, já que para o período e ainda nos dias atuais sua obra ainda é debatida, proporcionando diversas reflexões necessárias sobre a educação, principalmente nas diversas fases de desenvolvimento das crianças até a vida adulta.

A obra de Emílio ou da Educação é uma referência para a educação, pois apresenta elementos factuais de como são as fases de desenvolvimento das crianças, contribuindo com os pais e mães, já que reflete diretamente na criação das crianças e cabe a reflexão e orientação que devem ser transmitidas ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

CABRAL, João Francisco Pereira. "A educação no "Emílio" de Rousseau"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-educacao-no-emilio-rousseau.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Teoria social, antropologia filosófica e educação natural em Rousseau. In: DALBOSCO, Cláudio Almir. FLIKINGER, Hans Georg (Org.). **Educação e maioria**: dimensões da racionalidade pedagógica. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 70-103.

NOGARO, Arnaldo; POKOJESKI, Sueli. **O conceito de educação no Emílio de Rousseau**. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 11, n. 2, Passo Fundo, p. 92-110 - jul./dez. – 2004. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8010>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. 1ª ed. Brasília: UnB, 1989. p. 192.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 744.

SILVA, Roberto Bitencourt da. **Democracia e Educação sob a Ótica de Rousseau**. **Revista Democratizar**, v. I, n. 1, set. / dez. 2007. Disponível em: <<https://silo.tips/download/democracia-e-educao-sob-a-otica-de-rousseau>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

VASCONCELOS, José Gerardo. Política e Educação no Pensamento de Jean-Jacques Rousseau. **Revista Educação em Debate**. Fortaleza, Ano 20, v. 35, p. 5-15. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14259>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

WENDT, Cristiano Eduardo; DALBOSCO, Claudio Almir. Iluminismo pedagógico e educação natural em Jean-Jacques Rousseau. **Revista Educação**. Santa Maria, v. 37, n. 2, p. 229-240, maio/ago. 2012.